

A SUTIL COMPREENSÃO DE SI POR PROFESSORAS ARTESÃS NO COTIDIANO DA DOCÊNCIA

THE SUBTLE UNDERSTANDING OF THEMSELVES BY ARTISAN TEACHERS IN THEIR DAILY WORK

Daniela De Maman - Prof^a. Dr^a. Associada A. Unioeste - Campus de Francisco Beltrão/PR. Docente no Curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Educação – PPGE) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste – Campus de Francisco Beltrão/PR. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas GEPSICO/CNPq. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Institucional: Projeto de Pesquisa: Subjetividade na contemporaneidade: eu e o eu social - CAAE - 68484023.8.0000.0107. cv: <http://lattes.cnpq.br/0404092558435429>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9258-7974>. E-mail: danielademamam@gmail.com.

RESUMO

O texto parte do estudo da fenomenologia como base para compreender a existência humana, abordando a sutil percepção de si nos encontros que geram rodas de conversa e costuras simbólicas, explorando o ser e a docência no próprio ato de ser. Trata-se de um olhar sobre si na contemporaneidade, mediado pelo diálogo e pelas mãos que tecem experiências, fazendo emergir compreensões sobre a essencialidade da existência humana na constituição do ser, especialmente no cotidiano da docência exercida por mulheres professoras na Educação Infantil. O objetivo é descrever características, concepções e perspectivas ancoradas na fenomenologia como orientação do pensamento. O percurso metodológico adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e cartográfica, com ênfase tanto bibliográfica quanto empírica, no campo da docência. As considerações finais apontam que as professoras compreendem a si mesmas a partir de um entendimento do ser pelo sentir, reconhecendo-se como protagonistas de sua existência. Essa existência se manifesta como organismo vivo envolto em sensações (ser), que estrutura e dá forma ao corpo em sua presença no mundo (existir).

Palavras-chave: fenomenologia, percepções; subjetividade.

ABSTRACT

The text is based on the study of phenomenology as a basis for understanding human existence, addressing the subtle perception of oneself in encounters that generate conversation circles and symbolic seams, exploring being and teaching in the very act of being. It is a look at oneself in contemporary times, mediated by dialogue and the hands that weave experiences, giving rise to understandings about the essentiality of human existence in the constitution of the being, especially in the daily teaching practiced by female teachers in Early Childhood Education. The objective is to describe characteristics, concepts and perspectives anchored in phenomenology as a guide for thought. The methodological path adopts a qualitative approach, of an exploratory,

descriptive and cartographic nature, with an emphasis on both bibliographic and empirical aspects, in the field of teaching. The final considerations indicate that teachers understand themselves based on an understanding of being through feeling, recognizing themselves as protagonists of their existence. This existence manifests itself as a living organism enveloped in sensations (being), which structures and gives shape to the body in its presence in the world (existence).

Keywords: phenomenology; perceptions; subjectivity.

INTRODUÇÃO

Ao buscar caracterizar a profissionalidade da docência, direciona-se o pensamento para a perspectiva da subjetividade humana. Tal perspectiva propõe o entendimento de como se desenvolvem os processos de entendimento de si, internamente, e, também daqueles que se pode observar, através de ações do comportamento humano (externos) no cotidiano da existência.

Este texto parte de uma abordagem fundamentada na psicologia social e na fenomenologia, especialmente nos aportes de Angerami-Camon (2003), para investigar a profissionalidade docente em uma perspectiva que recusa leituras cartesianas e

dicotômicas do ser. Em vez de separar estritamente o interno do externo, ou o individual do coletivo, reconhece-se que essas dimensões coexistem e se entrelaçam na construção da identidade e atuação das professoras. A proposta teórico-metodológica ganha concretude a partir de uma atividade desenvolvida *in loco*, na qual se buscou compreender como tais concepções emergem na prática e afetam a percepção de si das docentes. A opção é por apresentar separadamente teoria e prática, este texto procura construir uma narrativa em que a análise fenomenológica segundo viés epistemológico que descreve e cartografa a existência do ser no mundo conectada diretamente à experiência vivida no campo. Assim, autores como Merleau-Ponty, Angerami-Camon não são apenas referências abstratas, mas mediadores de consructos conceituais que ajudam a compreender os sentidos atribuídos pelas professoras à sua prática e à sua constituição profissional. Ao longo do texto, as dimensões existenciais, comportamentais, filosóficas, sociais e educacionais são relacionadas com os dados emergentes da atividade realizada, permitindo uma compreensão ampliada e situada da docência enquanto experiência de ser e estar no mundo.

A dicotomização entre o interno e o externo quando posto em reflexão sobre o *ser* no mundo da existência foi evidenciada por Angerami-Camon (2003) ao caracterizar o externo, tido como “*a*” realidade, concreta, a qual pode ser visualizada, comparada, inferida e, o interno, como o algo subjetivo, próprio, não generalizável. Assim, este pensamento com a presença da modernidade acaba por rivalizar com as tentativas desta, quanto a uniformizar uma ideia de externo e interno sendo controlados de forma a produzir uma ideia universal, na qual interno e externo seriam independentes na construção de uma realidade controlada.

Com a Pós-modernidade a dicotomia é posta em questão, no sentido de questionar a independência do interno com o externo, das certezas absolutas e universais em termos do ser e do existir, tem-se aí a instauração de um pensamento de incerteza. Com base, nesta forma de pensar Hall apud Angerami-Camon (2003) aponta para a necessidade de se pensar sobre o sujeito, agora sob a perspectiva contemporânea e, para tanto, indica três concepções de sujeitos afloradas pela busca da uniformização, primeiramente e, posteriormente pelo entendimento da não possibilidade de absolutismo.

Seguindo o pensamento de Hall (2016) é possível identificar três concepções de sujeito que marcam diferentes momentos históricos e epistemológicos. A primeira é a concepção iluminista, segundo a qual o sujeito possui uma identidade essencial, fixa e contínua ao longo da vida como uma espécie de núcleo estável que define quem ele é. Em seguida, surge a concepção sociológica, que entende o sujeito como constituído na e pela relação com a sociedade; aqui, embora ainda se preserve a ideia de um “eu” central, esse eu é moldado pelas interações sociais e culturais.

Neste viés, a concepção pós-moderna rompe com a noção de identidade fixa, propondo que no sujeito é constituído por múltiplas identidades em constante transformação, interpelado por discursos e sistemas culturais em movimento. Nesse sentido, a pós-modernidade propõe uma leitura do sujeito como instável, fluido e relacional, cuja identidade é continuamente (re)construída no entrelaçamento com a dinâmica social e cultural. Nesta perspectiva este texto tem a intencionalidade, mediante, método qualitativo, explorar dois vieses: o campo científico e o campo empírico produzindo argumentos sobre a fenomenologia (Husserl, 2006), em termos daquilo que se apresenta à consciência quanto ao existir humano e as imbricações individuais e sociais do *ser* na realidade tida como fenômeno concreto, quando se olha para a docência.

A partir da delimitação da proposta deste texto, apresenta-se um estudo fundamentado na arte da fenomenologia, dialogando com os autores clássicos dessa abordagem teórica. Articulando teoria e prática, o texto também incorpora uma cartografia descritiva construída a partir da pesquisa de campo, realizada por meio de uma atividade de roda de conversa. Essa atividade consistiu em encontros realizados ao longo de três meses, no ano em questão, com professoras mulheres que atuam há pelo menos cinco anos em instituições de Educação Infantil em regime de trabalho integral. A atividade de encontro com e entre professoras está amparada por projeto institucional¹, sendo que esta é apresentada como recorte do estudo no campo empírico caracterizando-se pela entrevista/conversa semiestruturada realizada com 10 professoras, as quais se dispuseram a dialogar sobre a compreensão de si diante da profissionalidade na docência, também a participar da tarefa de artesanato: confecção de fuxicos em tecidos, onde o tecer manual em meio a panos, linhas, agulhas e mãos confluem em diálogos sobre si na existência de *ser* professora.

DESENVOLVIMENTO - ESTUDO TEÓRICO

Inicialmente, com Husserl (2006) surge a menção necessidade de voltar-se às coisas elas mesmas, sendo essa necessidade denominada por este autor como a fenomenologia – pensamento, que gera a percepção dos limites da racionalidade moderna ao dicotomizar e objetivar as coisas do mundo e, que retira o sujeito da atitude não-fenomenológica - olhar o mundo como mundo dos objetos. Deste modo, Husserl (2006) acentua a fenomenologia, como um fundamento da filosofia e das demais ciências que caracteriza o sujeito e os objetos como interdependentes - o eu transcendental - numa constituição ativa e passiva. A fenomenologia vista como descrição de estruturas advindas da experiência constituindo a consciência como possibilidade de conhecimento, de aprender.

A fenomenologia da corporeidade encontra sólida fundamentação nos estudos de Merleau-Ponty (2006), os quais proponho ampliar como referencial central neste trabalho. Sua abordagem compreende o corpo como lugar de percepção e sentido, onde a atitude e a corporalidade

¹ Projeto Institucional: Subjetividade na contemporaneidade: eu e o *eu social* - CAAE - 68484023.8.0000.0107 com vigência de 2023 a 2026.

são indissociáveis da experiência vivida, e a consciência de algo se manifesta como o próprio fenômeno — ou seja, não como representação, mas como presença encarnada no mundo.

Buscando entender a fenomenologia como a forma de olhar a experiência de existir e afetar-se pelo entorno, o olhar de Heidegger (2009) é possível alcançar a compreensão que se tem de *si* - do *mundo* - das *coisas* e em como esta propicia a experiência e constatação de acabamento - *entes*. A perspectiva apontada por este autor remete a busca pelo retorno para as coisas elas mesmas, também apontado por Husserl (2006), porém, Heidegger (2009) menciona a importância das tentativas sobre realizar o retorno, a volta as coisas elas mesmas, a aquilo que permanece oculto na naturalidade da existência humana. A seguir, na ilustração I, caracterização da fenomenologia a partir das concepções dos autores:

Ilustração I - A consciência das experiências subjetivas.

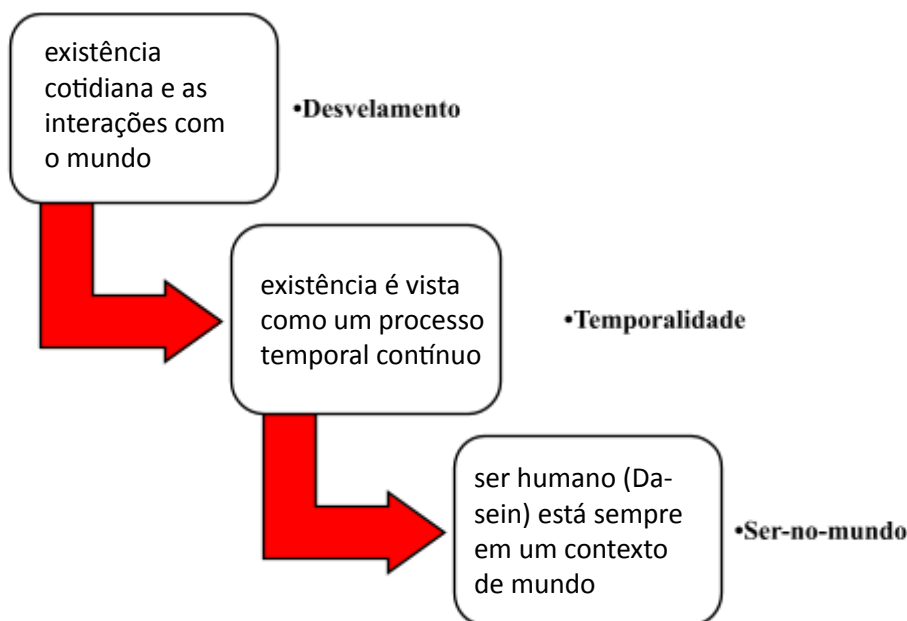


Fonte: a autora (2024).

Como tentativa de oposição ao determinismo naturalizado da existência, segundo Husserl (2006) fenomenologia é apresentada como tentativa de renovação quanto a libertar-se dos determinismos sedimentados que fomentam a intencionalidade da nossa consciência – o que sabemos. Já Heidegger (2009) menciona sobre a fundamentalidade da ação de desestruturar o que sabemos - o tradicional e em paralelo estabelecer questionamentos que impulsionem o imaginário a como podemos voltar às coisas elas mesmas? Ao vivido, à fonte, a origem de algo enquanto algo. Em contraste, Husserl (2006) focava mais na análise das estruturas da consciência e na intencionalidade, ou seja, como a consciência está sempre direcionada a algo. Este buscava entender as essências das experiências conscientes através da redução fenomenológica.

Deste modo, ao centrar o estudo no sentido atribuído por Heidegger (2009) a fenomenologia constata-se que é o fenômeno do ser que precisa ser novamente procurado e experimentado, contudo, não consiste na busca pelo sentido do fenômeno sob ângulo de algum ente para concluir e, entender sobre as coisas com que lida. Este entendimento perpassa pela consciência, a qual é o acesso ao próprio ser e à abertura dos entes, sendo que ao ser pelo ser é possível em um ente que tenha compreensão do ser que é si próprio, como ilustra a ilustração II:

Ilustração II- Fenomenologia como uma forma de revelar o ser em sua totalidade.



Fonte: a autora (2024).

Heidegger (2009) propõe que devemos nos afastar da visão tradicional que busca entender o ser a partir de entes específicos (objetos, coisas) e, em vez disso, focar na experiência direta do ser. Deste modo, a fenomenologia investiga o sentido do ser, dos homens e das coisas, sendo, o ser do ser humano a existência (*Dasein*) como um ente que compreende seu próprio ser compreensivamente. Outro ponto a detalhar na trajetória para delinear o processo de encontro com a abordagem da psicologia fenomenológica-existencial é conhecer o caminho histórico que antecedeu esta. Com o impacto de duas guerras civis, a humanidade passou por um período de reconsiderar seus valores e até mesmo o sistema filosófico da época: o idealismo e o positivismo. Ele argumenta que o ser deve ser procurado e experimentado diretamente, sem ser reduzido a meras categorias ou conceitos.

Tais sistemas considerados eram limitados no que diz respeito a compreensão de aspectos fundamentais da existência humana e do mundo. Surgia desse descontentamento a necessidade de um novo olhar sobre as perspectivas existenciais humanas: o existencialismo como corrente filosófica que nos apresenta uma perspectiva de ver e interpretar os fenômenos da existência por meio do método fenomenológico (o olhar focado nas experiências conscientes, das interações do ser humano em todos os seus aspectos: teóricos e práticos, individuais e sociais, instintivos e intencionais).

A perspectiva da subjetividade humana pode ser explorada no escopo das filosofias da existência apesar de não poderem ser tidas como uma categoria específica, entretanto, pode ser vista como um contraponto a racionalidade absoluta. Neste sentido, as filosofias da existência emergem a partir de alguns pensadores, dentre eles, Nietzsche e Kierkegaard, os quais questionam em suas obras a razão, segundo a premissa de que a racionalidade absoluta é insuficiente, para entender e até mesmo explicar a singularidade dos sujeitos.

A contrariedade desta perspectiva foi em relação a ausência de originalidade, quando envolto pela multidão. Os autores argumentam que ao buscar pela adequação ao processo de massificação, de fazer parte do universal, o sujeito perde a qualidade do pensamento autêntico. Para estes é fundamental busca pelo eu, da singularidade para ser livre. Para estes não é aceitável que

o sujeito seja conivente com a mutilação da sua existência e, sim busquem a própria realização do eu, para alcançarem a liberdade sendo senhores de si próprios.

Tais pensadores expõem suas inquietações em relação ao destino do sujeito, sem atrelar seus questionamentos a uma teoria específica - visão de mundo, pensamento doutrinário e, sim a busca pelo entendimento da expressividade do humano, da liberdade do ser em sua existência sem estar atrelado a uma traição filosófica uniformizadora do comportamento humano como ponto de partida, para o entendimento sobre como o sujeito pode existir de forma singular e original.

Além de Nietzsche (2011) e Kierkegaard (2010) que se dedicaram a entender a existência do eu individual, no sentido de ultrapassar a barreira da impessoalidade, também houve outros estudiosos, como Jaspers (1965), Arendt (1967), Merleau-Ponty (1999), os quais buscavam compreender o sentido ser, por isso estavam mais próximas as filosofias da existência, no sentido de Jaspers (1965) defender as relações entre existência e razão e este não como um enunciado particular; Arendt (2005) com sua crítica da identidade diferente entre *ser* e *pensar*; Merleau-Ponty (2006) quanto percepção que incita o estudo de algo que está aquém da relação de conhecimento, com a real situação do sujeito.

Em Merleau-Ponty (2006) encontra a concepção de percepção assumida pela fenomenologia, ou seja, não é uma categoria científica, ou uma ação, um posicionamento diante de algo é, ao contrário a figura-fundo que destaca todos os ensejos manifestados em atos, neste sentido, o contexto, o mundo é amplo, é natural, é movimento no qual os pensamentos e percepções habitam e produzem sensações, compreensões e, impulsionam atos. A fenomenologia como o esteio para se refletir sobre questões fundamentais relativas à subjetividade, realidade e sua totalidade a partir da constituição do humano: sentimento, intenções e percepções da vida humana.

Com Sartre (2005) a conceituação fenomenológica-existencial aponta para o sujeito homem como um ser que tende a ser livre, pois pode ser definido por qualquer conceito porque, primeiramente, existe, se descobre, surge no mundo; só depois se define. Para a filósofa Simone de Beauvoir (1967) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, frase que sintetiza uma crítica radical à naturalização dos papéis de gênero e à ideia de essência feminina. Ao trazê-la para este contexto, a intenção é destacar a importância de compreender a constituição da identidade docente feminina como um processo histórico, social e existencial, e não como algo dado ou biologicamente determinado.

Ao articular liberdade, responsabilidade e corporeidade, sua filosofia se aproxima da fenomenologia existencial adotada neste estudo, oferecendo subsídios teóricos para analisar como as professoras se percebem, se constroem e resistem no contexto da prática docente. O direcionamento teórico-prático, neste estudo, na busca por estabelecer conexão conceitual entre a ciência psicológica e a corrente existencialista alinhava² suas tessituras com a abordagem fenomenológica-existencial, especificamente, em Heidegger (2009), especialmente, por sua maneira de interpretar o conceito de existência (construído por este), e os conceitos de ser, ente, existência, temporalidade, morte, linguagem e verdade. Deste modo, as premissas filosóficas da fenomenologia e do existencialismo possibilitam a compreensão da influência que a corrente filosófica fenomenológica exerceu na abordagem psicológica.

O Ser, segundo Heidegger (2009) é em sua totalidade, o sentido do ser sendo explorado a partir de uma análise existencial- interpretativa, mediante a qual seria possível compreender

2 O termo alude a costura manual com a reflexão de pensamento com a percepção de si no contexto da educação como mulher.

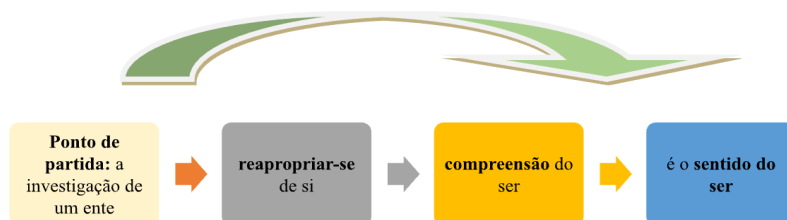
os fenômenos da existência. Para ele o *ser* se mostra com o ser do *ente*, que para este seria o modo de existir: o que somos e como somos (a linguagem, o pensamento, as coisas, outros seres) o *ser* torna realidade o *ente*, ou seja, o *seu* está presente em tudo do *ente*, contudo o *ser* não é o *ente*. Para Heidegger (2009):

O homem assume um papel especial no processo, no qual ele executa o pensamento. Todavia, o fato de que ele é o executor natural do pensamento não precisa de uma preocupação mais profunda na investigação do pensamento. Esse fato é por si compreensível (p. 119).

Assim, Heidegger (2009) aponta no cenário filosófico o questionamento proposto pelos gregos, que segundo ele, ainda não foi respondido pela tradição filosófica: o que é o *ser*? Partido desta pergunta que perdura e inquieta, o filósofo, diz que o humano é com exclusividade, o *ente* que tem relação de singularidade com o sentido do *ser*. Deste modo, a filosofia da existência se debruça à análise da existência do *ser*, entendendo que este não é um mero objeto fisiológico-social. Partindo esta concepção elabora sua própria interpretação construtiva, de modo que o permita interpretar os *entes* sem o determinar objetivo da ciência, confundindo o *ser* com ente: o Da-sein³ - ser-no-mundo que existe.

Para tanto, Heidegger (2009) no apresenta um contexto excepcional em que o humano não pode ser tido como um objeto, porque o humano sobre-excede o seu meio ao atribuir sentido a cada coisa, ao ter o poder de mudar a realidade a partir da compreensão que tem de si e do que o circunda por isso o constructo que faz emergir as possibilidades de *ser*, constituintes do seu próprio ser- Dasein. Na sequência do texto, a ilustração II mostra a percepção sobre a fenomenologia como abordagem que desvela compreensões sobre si em meio a realidade vivida.

Ilustração III - A fenomenologia como forma de compreensão do eu e de si em meio a vivências.



Fonte: a autora (2024).

Nesta direção conceitual, a existência para este (Heidegger, 2009) está na universalidade das relações entre a *existência* e o *ser*, e os entes. O humano, para este autor é o ente privilegiado, porque existe, tem o dom da *existência* ao passo que as outras “coisas” são no, entanto não existem. Assim, para este filósofo o humano partir da sua existência, do que lhe é próprio de *ser* pode inferir na sua realidade (Heidegger, 2009).

³ O termo Da-sein, cunhado por Heidegger, é mais do que uma simples expressão ontológica: trata-se de um conceito que explicita o modo de ser do humano como ser-no-mundo, ou seja, um ser que não está separado do mundo, mas que existe em constante relação e abertura com ele. O uso do hífen em “ser-no-mundo” não é apenas gráfico que marca uma unidade de sentido, uma inseparabilidade entre o sujeito e o contexto em que ele vive. Essa diferença semântica é fundamental para compreender que, na perspectiva fenomenológica, o sujeito não é uma entidade isolada, mas um ser situado, encarnado, lançado em um mundo que ele habita, interpreta e transforma.

O humano é um *ser-no-mundo*, ou seja, um *ser-em-contexto*, *ser-dinâmico* com a possibilidade de criar algo, que é novo ao existir. A existência seria a característica do humano de transcendência do que é, de superar o presente esta característica precede e determina a essência humana. Este conceito estabelece relação de temporalidade com o mundo, na medida em que o *ser* tem relação com o tempo, a partir da sua *existência* e sua atuação no mundo, estando estritamente ligada ao tempo.

CAMPO EMPÍRICO - A RODA DE CONVERSA EM MEIO A FUXICOS

A atividade de roda conversa proposta no campo empírico da pesquisa, como parte das atividades de estudo desenvolvidas por projeto institucional, investiga no campo empírico a docência, como se dá a compreensão de si em meio a profissionalidade docente. Em específico este texto relata a atividade de entrevistas, a qual ocorrem de forma contínua em três encontros. Tais encontros com grupo de professoras se caracterizam por rodas de conversa e fazer manual de costura fuxicos de tecidos. O método utilizado para analisar estes encontros foi a cartografia⁴. O grupo de professoras analisado é composto por profissionais atuantes há pelo menos cinco anos no cargo de docente na modalidade de ensino da Educação Infantil.

Assim, a pesquisa sobre a atividade de encontros se debruça a olhar o campo empírico sob perspectiva qualitativa (Minayo, 2014) e, para tanto se baseia na pesquisa bibliográfica - estudos na literatura, na pesquisa empírica com uso da entrevista semiestruturada por meio da escuta na roda de conversa, com a transcrição destas conversas (discursos) para posterior análise. Neste sentido, a cartografia como método de documentação de compilação dos dizeres no território da docência (Deleuze, 2013). Há o mapeamento das informações empíricas (coletadas por meio da entrevista na roda de conversa) associadas a base conceitual bibliográfica (Flick, 2009).

Sendo que a entrevista semiestruturada se deu em meio a roda de conversa entre a pesquisadora e as professoras em um encontro coletivo em meio a teceres dialógicos com duração de pelo menos 2 horas a cada quinze dias durante o período de três meses. Sendo que os encontros foram, previamente, agendados em três centros municipais de Educação Infantil para acontecerem de forma alternada no momento destinado a hora-atividade das professoras. Os diálogos fomentados na roda de conversa versaram sobre as compreensões a respeito de si na docência e da docência sobre si enquanto constituição subjetiva. Neste recorte da pesquisa foram tomados como informações os discursos de 10 professoras, as quais assinaram o Termo de consentimento livre para fins de divulgação de suas participações nos encontros.

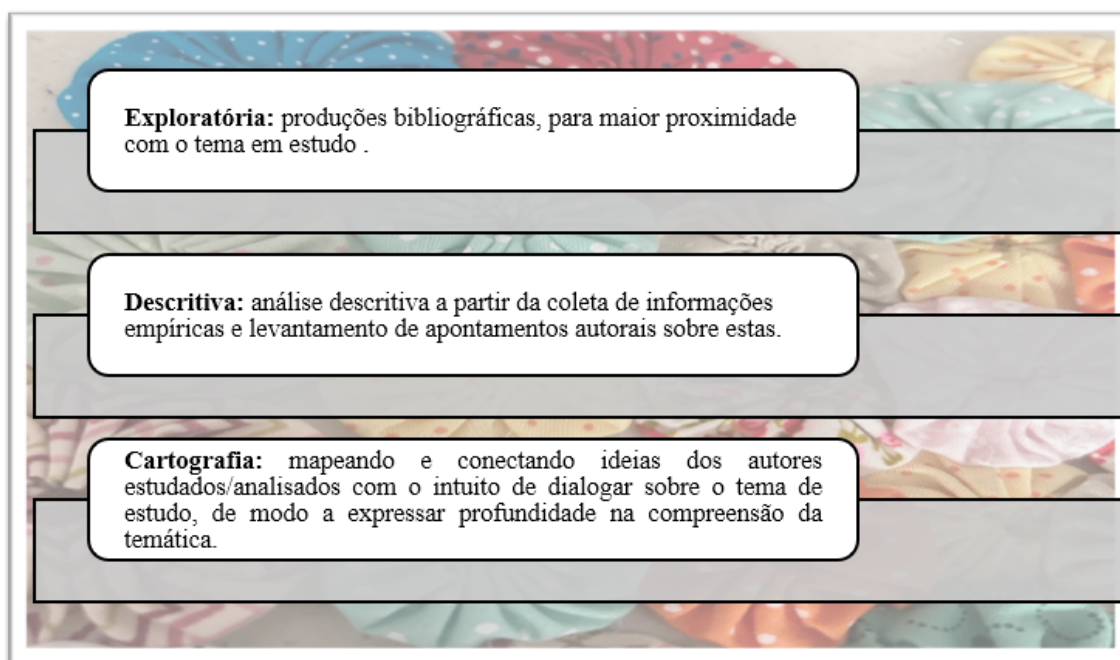
Uma particularidade dos encontros é que enquanto dialogaram sobre suas compreensões, cada professora foi convidada a elaborar fuxicos em tecido como forma de unir o fazer manual ao discurso. Esta forma de conduzir o encontro é devido ao entendimento que o fazer manual produz discursos livres de disciplinamento, na medida em que o envolver dos dedos possibilita o livre pensamento e o tecer manual descontraí diante de dar forma a uma arte, ao mesmo tempo que promove a diálogo singular e individual em torno de temas propostos ao diálogo.

4 A cartografia entendida como método de pesquisa qualitativo que se assemelha ao movimento de leitura e interpretação de textos com o objetivo de estabelecer relações entre a teoria e seu viés prático-interventivo.

Assim, em meio ao tecer de fuxicos foi sendo elaborado um panô⁵ multicolorido e facetado na medida em que reuniu mãos, falas e trocas em torno da percepção de si e do mundo. A cada encontro fuxicos eram produzidos e discursos eram verbalizados numa roda de conversa dinâmica, coletiva e singular, na qual subjetividades se entrecruzaram e fomentaram dizeres e reflexões possibilitando uma cartografia de discursos que vivenciou no contexto do exercício da profissionalidade docente, caracterizando como as professoras- participantes da pesquisa compreendem-se como um *ser-no-mundo*, ou seja, um *ser-em-contexto*, *ser-dinâmico* ao existir.

Deste modo, o caminho metodológico da pesquisa explorou a transcendência, a característica que precede e determina a essência humana, a relação de temporalidade com o mundo propiciando a compreensão das ideais dos autores como (Heidegger, 2009); Husserl (2006), dentre outros, no desenvolvimento teórico associando-as às informações dos discursos das professoras, buscando explicitar as suas percepções sobre a existência humana como condição para o entendimento do si no contexto da profissionalidade docente. Nesta direção, a ilustração III apresenta as caracterizações da pesquisa no campo empírico, abordagem qualitativa como delineadora da investigação (Triviños, 2013).

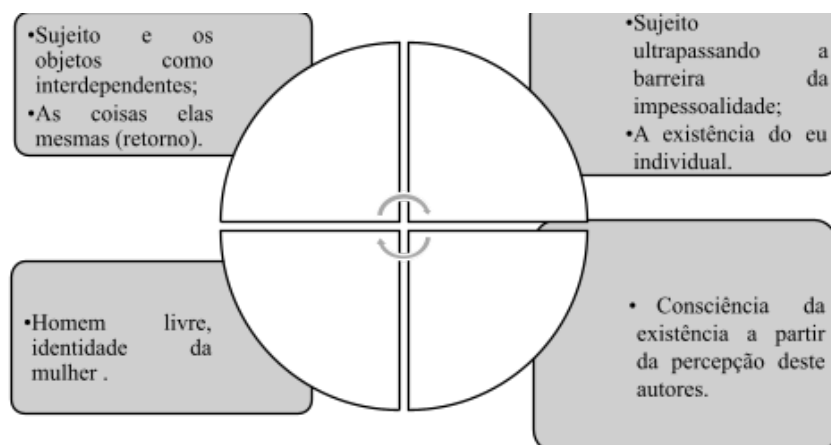
Ilustração III - Percurso metodológico e análise empírica do campo da docência a partir da compreensão de si pelas professoras.



Fonte: a autora (2024).

Nesta direção, o caminho metodológico caracterizou-se pelo caráter qualitativo, exploratório e descritivo-conceitual e cartográfico, a partir do qual significados vão delineando uma escrita textual autoral, por meio da qual são explicitadas conceituações, discursos sobre a essencialidade da existência humana sob o foco da docência. Na sequência do texto, a ilustração IV mostra as ideias dos autores como parte do estudo bibliográfico.

⁵ A costura dos fuxicos numa reunião de pedaços de tecidos.

Ilustração IV - Conceitos explorados sob o viés fenomenológico.

Fonte: a autora (2024).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Ao situar a investigação no campo empírico da docência, a constituição das informações ocorreu por meio dos diálogos estabelecidos com professoras participantes de uma atividade que articulava roda de conversa e a confecção manual de fuxicos. Nesse espaço, as docentes atuaram como artesãs de um fazer manual e, simultaneamente, reflexivo. A partir das considerações da fenomenologia, foi possível cartografar modos de pensar e perceber o mundo, tendo a prática docente como cenário inicial das reflexões que emergiram no diálogo.

Primeiramente, os diálogos das professoras foram cartografados com a intencionalidade de interpretação à luz da fenomenologia para pontuar como se dá a compreensão de si a partir da profissionalidade, sem, contudo, trazer a transcrição de tais discursos neste texto. Primeiramente, os diálogos das professoras foram cartografados com a intencionalidade de interpretação à luz da fenomenologia, buscando compreender como se dá a construção do “si” a partir da profissionalidade. Optou-se, contudo, por não transcrever diretamente os discursos neste texto. Essa decisão se deu por dois motivos principais: primeiramente, por uma limitação de espaço imposta pela estrutura do artigo; em segundo lugar, por uma escolha metodológica alinhada à fenomenologia, que valoriza a descrição e a interpretação do vivido mais do que a exposição literal dos relatos.

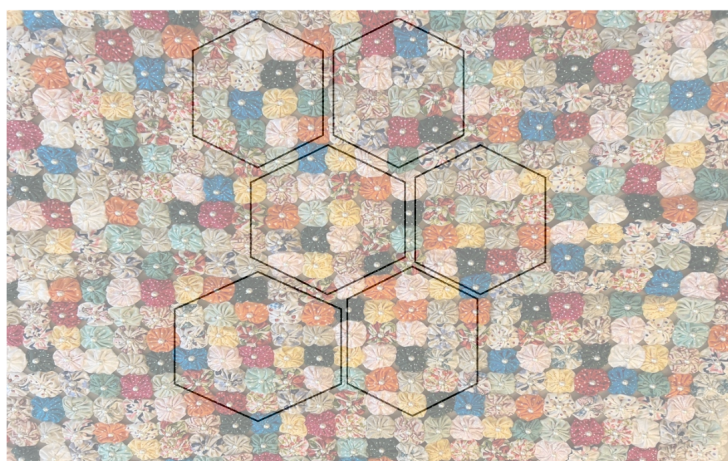
Assim, privilegia-se aqui uma escrita que traduz as experiências em compreensões e sentidos, sem a necessidade de apresentar cada fala em sua forma original, mas mantendo o compromisso ético e interpretativo com aquilo que foi compartilhado pelas participantes. A ideia é pontuar a partir dos objetivos estabelecidos, inicialmente, as características, as concepções e perspectivas, mediante, sua inserção na contemporaneidade, fomentando o olhar sobre si e suas compreensões em relação à essencialidade da existência humana, quando na composição do ser em meio ao cotidiano da docência por professoras mulheres.

Diante desta intencionalidade a cartografia revelou que as professoras percebem as relações socioemocionais que as acompanham como imbricadas ao movimento de inacabamento à inerente à condição humana. Conversaram em meio a roda de conversa dialogam sobre a eterna e ininterrupta reconstrução que caracteriza o devir humano quando na relação consigo e com o outro; no quanto observar-se a si diante do fazer na docência possibilita um entendimento

mais profundo de suas práticas pedagógicas; refletir sobre a postura de estar com os outros no contexto pedagógico; o reconhecimento de suas emoções diante de desafios e adversidades e; que a docência não é um exercício, cujo fazer cumpre uma trajetória previamente definida e conhecida, ao contrário um desvendar cotidiano do ser, saber, fazer, sentir e refazer, um eterno encontro consigo e com o outro.

Deste modo, a roda de conversa, a partir da cartografia dos encontros proporcionou a reunião de dizeres sobre como todos ali envolvidos entre palavras, nós e linhas percebem e compreende o visto, o sentido, o experienciado numa sintonia entre a linguagem verbal e expressão de si diante do fenômeno da docência em meio ao fazer manual de fuxicos que permitiu nos encontros, a percepção de corpo, de pensamento, da imaginação, da emoção, do desejo, confluindo e manifestando em fuxicos, todas as dimensões de sua existência. Assim, na sequência, a ilustração V mostra elucidações a partir da interpretação dos discursos das professoras sob a figura-fundo dos fuxicos tecidos por estas.

Ilustração V - Cartografia da pesquisa no contexto da docência.



Fonte: a autora (2024).

Pensar em encontros, com professoras e, nestes encontros produzir movimentos sobre subjetividades, olhares sobre si exige da pesquisadora certas premissas, dentre elas, a concepção de que o sujeito é alguém livre para escolher, com base nas suas vivências e experiências o que deseja expor, compartilhar com o outro sobre si tendo como parâmetro a responsabilidade e a liberdade deste se dispor a compartilhar. Nesta atividades de roda de conversa os protagonistas foram as professoras e seus discursos, visto que são as artesãs de seus cotidianos e, responsáveis pelo seu *ser* e sua *existência*.

A análise dos encontros revelam que as professoras, naquele compartilhar do cotidiano das docências, organismos vivos envolvidos em sensações (ser) que estruturam um corpo feminino (existir), ou seja, cada professora naquele confluir dialógico é seu próprio eu e corpo e, assim livre para escolher diante das situações que atravessam sua existência: suas identidades, seus sentimentos, valores, singularidades, sofrimentos e potencialidades. Nesta perspectiva a ilustração VI apresenta a concepção da fenomenologia que compôs esta pesquisa como oposta aos determinismos subjetivos e sociais.

Ilustração VI - Os discursos das professoras interpretados pela pesquisa elucidam a compreensão de si segundo a percepção de si no mundo das coisas.



Fonte: a autora (2024).

A proposição da atividade de roda de conversa foi a de ao promover encontros com as professoras fomentar diálogos sobre si, sobre suas percepções foram várias formas várias de extirpar destas o seus possíveis mal-estares, mas sim, possibilitar o encontro com suas emoções, com sua história, com seus desejos proporcionando um caminhar em direção ao autoconhecimento do ser/existir de forma a potencializar escolhas para si.

Tal intenção compõe com perspectiva da fenomenologia, quando nos encontros os movimentos posto no acontecimento do momento foram para compreender a mulher professora em sua subjetividade, a sua experiência própria- existencial: como o ser se mostra em sua ambivalência: concretude *versus* subjetividade. Foram encontros entre fuxicos e conversar que proporcionaram cartografar, conhecer os sentimentos, se autoperceber nos seus diferentes modos de ser, sentir e de se pronunciar: singularidades e potencialidades do ser/existir.

CONSIDERAÇÕES

A consideração que emerge desta experiência no campo empírico, articulada às explanações teóricas desenvolvidas ao longo do texto, é a de que a natureza humana — conforme apontam autores como Merleau-Ponty, Heidegger e Beauvoir — não pode ser reduzida a categorias fixas ou determinada como fazem as ciências objetivas com seus objetos. Ao contrário, o humano é possibilidade, abertura, existência em constante devir. Nesse sentido, não é possível compreender o ser-professora a partir de conceituações deterministas sobre a profissionalidade docente, pois isso implicaria negar a complexidade, a singularidade e a historicidade que atravessam o modo de ser de cada sujeito na docência.

Qual é o sentido do ser, na docência? Talvez, a resposta esteja ligada à possibilidade da genuinidade humana. A cada encontro com a docência e por meio dela as professoras atribuem novos sentidos às experiências, às relações e ao mundo que as cerca. Nesse movimento, transcendem a realidade imediata marcada por burocracias, pela fragmentação do eu, pela impessoalidade nas relações e pelas estruturas de poder-saber que, muitas vezes, operam como dispositivos de silenciamento e aniquilamento da subjetividade. É justamente nesse atravessamento com o

outro e com o mundo que o sentido do ser-professora se (re)constrói, afirmando a existência como possibilidade, e não como função previamente determinada.

Este talvez, quando se busca ascender a este *ser* pode ser encontrado na realidade, no olhar sobre suas vivências em meio à experiência ao fenômeno. O foco, assim, do existir, é o modo como o conhecimento do mundo significa para cada pessoa/professora. Portanto, a fenomenologia, neste estudo, proporcionou entender o ser professora a partir de uma visão favorável de si, responsável por sua existência em meio ao entrelaçamento de suas experiências, em como se percebe, sente o mundo, lida com a realidade.

A indeterminação da existência é compreendida não como sinal de finitude, mas como expressão da constante mutabilidade e da abertura do ser aos movimentos do tempo. Trata-se de reconhecer que tudo está em transformação contínua, submerso nas dinâmicas temporais que atravessam o existir, sem que isso implique um fim, mas sim a possibilidade de permanecer devir-a-ser. Neste sentido, retoma-se a perspectiva

existencialista de Jean-Paul Sartre, para quem a existência precede a essência, ou seja, o ser humano não possui uma natureza pré-determinada, mas constrói-se a partir de suas escolhas e ações no mundo. Assim, a possibilidade de liberdade e a capacidade de atribuir significado às próprias vivências emergem da autonomia de atuar na existência segundo suas potencialidades. As coisas são matérias no mundo, mas o sujeito como ser que existe é quem lhes confere sentido, exercendo continuamente sua liberdade e responsabilidade diante da própria vida.

Como compreensão a partir das percepções das professoras, a prática docente é um campo que busca a transformação qualitativa da sociedade, investindo na alteridade e na humanização das pessoas através da aquisição e compartilhamento de conhecimentos. E, *Ser* professora mulher é estar junto a complexidade de ações que envolvem o fazer educativo, para além da construção dos saberes e, sim em movimentos de humanização do si.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Psicoterapia e subjetivação: uma análise de fenomenologia, emoção e percepção**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Vol. 2. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1967.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Trad.: William Oliveira e Daniel Miranda. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

HEIDEGGER, Martin. Para quê poetas? In: **Caminhos de floresta**. Trad. Bernhard Sylla e Vitor Moura. Lisboa: Edição da Fundação Calouste-Gulbenkian, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

JASPERS, Karl. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. Ed. Cultrix, São Paulo, 1965.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

KIERKEGAARD, Sören. **O conceito de angústia**. Bragança Paulista: Editora Universitária São

Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Loyola, 2001.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdiggão. 13 ed. Petrópolis, Vozes, 2005.

SILVEIRA, Flávia Cristina (orgs). **Pesquisa-intervenção: processos de subjetivação, saber e poder**. Curitiba: CRV, 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

Data de recebimento: 22 DE JANEIRO 2025

Data de aceite para publicação: 29 DE MAIO DE 2025